



ATUAÇÃO PEDAGÓGICA: TÉCNICAS LÚDICAS PARA INCLUSÃO DE ALUNO AUSTISTA NA SALA DE AULA

Weber Souza Rosa ¹
Maria Luzia da Silva Santana ¹²
Marcelo Máximo Purificação ²³

RESUMO: A fim de que os indivíduos com autismo possam desenvolver-se apropriadamente no âmbito do ensino regular, tendo como mediador desse desenvolvimento o professor, é necessário que se considere a postura que esse profissional assume nessa relação interativa, uma vez que isso, bem como a identidade são fatores relacionais, resultantes das interações sociais exercidas ao longo de seu desenvolvimento. Com o objetivo de incluir atividades lúdicas em alunos autistas em sala de aula, foi realizada uma série de análises textuais que pautaram a pesquisa bibliográfica acerca do indivíduo com autismo, inclusão e teorias psicológicas e psiquiátrica. Chega-se a conclusão de que a escola, bem como o educador, deve valorizar as experiências individuais, uma vez que elas funcionam cada vez menos como trajetos programados pelas diversas instituições sociais. Isso, faz com que a escola, além de seu papel usual de socializar conhecimentos, também invista na difusão de modelos culturais, para que o indivíduo com autismo se forme pautado em sua socialização e também em sua autonomia.

Palavras-chave: Autismo, Atividades lúdicas, Inclusão.

Eixo Temático: III Ciências Humanas e Sociais

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo a importância do trabalho pedagógico com alunos autistas. Esta, como se sabe, tem um distúrbio comportamental de socialização, desta forma não se deve esperar que ela se desenvolva e aprenda da mesma forma que as crianças que não apresentam este distúrbio. O aparato da pesquisa foi a análise de artigos, revistas científicas e livros que apresentam os seguintes descritores: autismo, influência pedagógica, ludicidade e educação inclusiva. Explanando assim, os fatores que instigam vários profissionais de áreas distintas a uma busca do conhecimento do tema.

O que se pretende com este trabalho é, sequencialmente, apresentar características da criança autista, refletir sobre acerca da educação inclusiva no Brasil, abordar o papel do educador para que se alcance resultados mais profícuos para aluno autista. Tais conhecimentos absorvidos através de estudos teóricos visam à criação de métodos lúdicos

¹ Acadêmico do Curso de Pedagogia da UNIFIMES; webermineiros@gmail.com

² Professora Assistente na UFMS; Doutoranda em Psicologia pela UCB; santanapsi@gmail.com

³ Professor Titular na UNIFIMES; Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Coimbra; Doutor em Ciências Sociais e da Religião; maximo@fimes.edu.br

para a inclusão de alunos autista em sala de aula, como por exemplo, trabalhar a rotina, regras e socialização, oralidade.

Para Medeiros (2010), muitos autistas são pensadores visuais, não pensam através da linguagem. Geralmente, substantivos são as palavras mais fáceis de aprender, pois em sua mente ele pode relacionar a palavra a uma figura. Para ensinar substantivos a criança precisa escutar você falar a palavra, ver a figura e a palavra escrita simultaneamente. Eles podem aprender a rotina diária, sentindo alguns objetos, minutos antes da atividade ser executada. Por exemplo: quinze minutos antes do almoço, dê uma colher para eles segurarem.

Manifestando-se principalmente na infância antes dos três anos de idade, principalmente no gênero masculino, devido a uma anomalia no desenvolvimento da linguagem e na dificuldade de relacionar-se com outros seres humanos. O autismo é denominado “Transtornos Invasivos do Desenvolvimento” no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais da Associação Americana de Psiquiatria (COSTA, MAIA; 1998).

Segundo Gómez e Terán (2014), a origem do termo autismo é desconhecida. Em 1943, Leo Kanner define um quadro específico que denomina “autismo infantil da criança” e que a difere do quadro de esquizofrenia infantil apresentada anteriormente no ano de 1937 por *Lutz*, que afirmava que os transtornos nas relações são características importantes, assim como a perda da necessidade de relacionamentos, isolamentos, apatia ou hesitação impulsiva. Kanner

(1984) salienta que crianças autistas se diferem através de uma “extrema solidão”, não usam a linguagem com fins comunicativos, demonstram medo diante de novos acontecimentos e fascinação por certos objetos.

Para Fiaes e Bichara (2009), crianças autistas por não terem facilidade de socialização, apresentam dificuldades no brincar, levantando assim questionamentos sobre a natureza das brincadeiras simbólicas. Se todo faz de conta necessariamente inclui teoria da mente porque um fenômeno considerado universal surge de modo tão atípico no autismo, partindo da constatação da presença da brincadeira de maneira que interfira no desenvolvimento do indivíduo.

Sabe-se que o papel da educação é primordial para o desenvolvimento específico de cada criança com autismo. Mas, como mensurar o valor da educação na melhoria da qualidade de vida da criança? As relações sociais estabelecidas na escola ajudam a superar

desafios enfrentados por essas crianças? De que forma? Como as crianças autistas podem participar ativamente da unidade escolar?

É perceptível que todos os questionamentos acima mencionados circundam o papel do professor diante da criança com autismo – algo que é fundamental para o sucesso da inclusão da criança na escola. Logo, eis o problema: “De que maneiras o professor pode detectar as adequações que podem ser feitas no ambiente da sala de aula para que essas crianças com necessidades especiais se desenvolvam no ambiente escolar e tenham um bom relacionamento interpessoal?”.

Presume-se que ao término deste trabalho haja uma compreensão da forma de se incluir um aluno autista na sala de aula por parte dos profissionais através da ludicidade. Como incluir estes alunos em sala de aula através da ludicidade? Estabelecida, então, a problemática, busca-se o alcance dos objetivos desta pesquisa: investigações sobre fatores que permeiam o papel do professor diante das relações sociais estabelecidas na escola, como também a introdução de métodos lúdicos - que deve primar pela diversidade social de seus alunos e valorização de conhecimentos humanísticos.

Nesta pesquisa utilizar-se-á como metodologia a investigação exploratória que assumirá a forma de pesquisa bibliográfica como procedimento a ser adotado. O trabalho será redigido com finalidade básica de aumentar o conhecimento sobre o objeto de estudo deste. Análises em materiais já publicados serão feitas o que permitirá buscar informações e entendimento sobre a dimensão do assunto escolhido.

Esse tipo de pesquisa foi escolhido, pois permitem obter bastante informação acerca dos fatores a serem estudados através de levantamentos bibliográficos em material já elaborado em fontes secundárias principalmente livros, artigos científicos impressos e disponibilizados virtualmente.

Seguindo uma linha de raciocínio interpretativo, o presente trabalho perpassará pela ideologia de vários autores, como o psiquiatra Leo Kanner (1997) que define inicialmente a teoria do autismo. Logo, cientes disso, podemos estabelecer limites para a busca da resposta do problema aqui investigado: verificar de que forma o professor pode intervir no processo de socialização/integração da criança com Autismo em sala de aula.

O presente artigo tem como objetivos traçar uma breve análise sobre as intervenções que podem ser feitas pelo professor para o melhor desenvolvimento da criança com autismo em sala de aula, refletir como a escola pode atuar no processo de representação dos sujeitos, verificar como as relações sociais estabelecidas na escola podem contribuir para a superação

ou ratificação dos desafios das crianças com Autismo, apresentar atividades lúdicas que ajudem o desenvolvimento cognitivo e psicossocial de alunos autistas, descrever atividades que contribuam para a socialização de alunos autistas em sala de aula aprimorando seus conhecimentos.

2 Resultados e discussão

2.1 Distúrbio do Transtorno Autista - Histórico do autismo

O termo “Autismo” foi utilizado pelo psiquiatra Leo Kanner tendo como base a terminologia originalmente concebida por seu colega suíço Eugene Bleuler, em 1911. Bleuller empregou o termo “autismo” para descrever o afastamento do mundo exterior observado em adultos em adultos com esquizofrenia, que tendem a mergulhar em suas próprias fantasias e pensamentos. (GOMÉZ; TERÁN, 2014).

O psiquiatra americano Leo Kanner, em 1943, nos Estados Unidos descreveu onze casos clínicos que denominou “Distúrbios Artísticos do Contato Afetivo” (Autistic Disturbances of Affective Contact). As crianças analisadas por Kanner apresentavam dificuldades de relacionar-se com outras pessoas desde o início de sua vida (isolamento extremo), imperfeições no uso da linguagem para comunicação e dificuldades em lidar com quaisquer mudanças (DORIA; MARINHO; FILHO, 2006).

No ano de 1944, o austríaco Hans Asperger, publica em um artigo que representa um grupo de crianças com características semelhantes às de Leo Kanner em 1943, denominando autismo à síndrome. O interesse pelo autismo se expande para outros países a partir dos anos 70. Assim o termo foi introduzido e classificado pelos grandes sistemas internacionais (COELHO; SANTO, 2006).

2.2 Definição do transtorno

Para que se compreenda a forma como as pessoas especiais são concebidas atualmente, faz-se importante estarmos a par das diversas formas com que elas foram compreendidas ao longo da história. A palavra “Autismo” vem da palavra grega “autos”, que significa “próprio”. Autismo significa, literalmente, viver em função de si mesmo. A definição mais divulgada no meio científico é a que segue:

Autismo é uma síndrome presente desde o nascimento e se manifesta invariavelmente antes dos 30 meses de idade. Caracteriza-se por respostas anormais a estímulos auditivos ou visuais, e por problemas graves quanto à compreensão da linguagem falada. A fala custa a aparecer, e quando isto acontece, notam-se ecolalia. Uso inadequado dos pronomes, estrutura gramatical imatura, incapacidade de usar termos abstratos. Há também, em geral, uma incapacidade na utilização social, tanto da linguagem verbal como da corpórea. Ocorrem problemas muito graves de relacionamento social antes de cinco anos de idade, como incapacidade de desenvolver contato olho a olho, ligação social e jogos em grupos. O comportamento é usualmente ritualístico e pode incluir rotinas anormais, resistência a mudanças, ligação a objetos estranhos e um padrão de brincar estereotipado. A capacidade para pensamento abstrato-simbólico ou para jogos imaginativos fica diminuída. A performance é com frequência melhor em tarefas que requerem memória simples ou habilidade viso-espacial, comparando-se com aquelas que requerem capacidade simbólica ou linguística” (BEREOHFF, 1994).

Santos, Faustino, Zengo, Macedo e Junior (2012), defendem que as crianças com Asperger diferem-se das Autistas por apresentarem características diferentes no conjunto de funções nervosas e musculares que permitem os movimentos voluntários ou automáticos do corpo (motricidade) descritas por Kanner. Com isso a Síndrome de Asperger passa a ser classificada com um autismo mais acentuado, devido a sua psicomotricidade e cognitiva.

Para Doria, Marinho, Filho (2006), de primeiro momento Kanner relaciona à causa do autismo a frieza dos pais, falta de relacionar-se com os filhos, incapacidade afetiva (principalmente materna), teoria que com o passar dos anos entra em declínio.

No final da década de 80 houve um aprofundamento de estudos sobre os prejuízos sociais e passam a adotar um enfoque desenvolvimentista atribuindo ao autismo uma incapacidade inata de se relacionar com as pessoas (BRAGIN, 2011).

Há de certa forma uma escassez no que se refere a referências sobre o início preciso da escolarização de alunos autistas no Brasil, levando em consideração que este diagnóstico passou a ser explanado recentemente.

2.3 Dados estatísticos

Não existem dados estatísticos sobre o número de pessoas autistas, no Brasil, contudo, de acordo com a ABRA (Associação Brasileira de Autismo), há uma estimativa que existam, aproximadamente, 600 mil autistas com diagnóstico fechado. A priori, os alunos autistas eram identificados como deficientes mentais. Entre os anos de 1943 a 1963 não existia a preocupação em como educar crianças autistas, mas sim descobrir quais era as causas. Somente a partir de 1964 surgem escolas especializadas, criadas por pais e familiares (BRAGIN, 2011).

2.4 Inclusão

Ávila (1997) defende que do ponto de vista das práticas pedagógicas, o autismo é campo aberto de interrogações e tentativas de aproximação e manejo; desde as práticas mais behavioristas até as recentes aproximações construtivistas, muitos trabalhos institucionais têm se voltado para a busca de métodos para educar ou ensinar o autista.

Por exercer dificuldade de socialização, a criança autista necessita de uma forma diferenciada a ser trabalhada em sala de aula. Onde deve entrar de profissionais da área de educação, mediadores e capacitados exerçam tais funções.

A formação de educadores mediatizadores é um processo de modificação cognitiva estrutural que precisa ocorrer no interior desse candidato à profissão de educador, através da Experiência de Aprendizagem Mediatizada que deve ser vivenciada e experimentada em sua sala de aula, em meio aos seus estudos como uma filosofia inerente ao curso que está sendo realizado. Desta forma, a qualidade do ensino seria melhorada, pois a modificação seria estrutural e não apenas postural, quando o professor assume seu trabalho dentro de uma proposta pedagógica, por ser este ou aquele, o método enfatizado na época” (ORRÚ. 2003. p. 4).

Partindo do ponto de vista pedagógico, Gómez e Terán (2014) apresentam em seu livro “Transtorno de Aprendizagem e Autismo” características das brincadeiras de crianças autistas. Descrevem que as crianças autistas não brincam como a maioria das crianças. Seus jogos geralmente são estranhos: são diferentes, mas que irão jogar e irão se divertir a sua maneira.

A grande dificuldade de se incluir uma criança autista em sala de aula inicia-se que esta pode demorar a se socializar com as demais crianças. Dai surge à problemática: as escolas possuem profissionais capacitados para acompanhar os alunos autistas? No ambiente

escolar possuem equipamentos para que possa desenvolver atividades lúdicas diferenciadas com estes alunos?

Pereira (2007) apresenta um modelo de ensino criado em Portugal que atende crianças com Perturbações do Espectro do Autismo denominado “TEACCH” (*Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children*).

O método *Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children* procura desenvolver as habilidades de comunicação e o uso espontâneo em dentro do conjunto de circunstâncias naturais que envolvem crianças com Transtornos Globais do Desenvolvimento. Empregando a linguagem verbal e não oral, não apresentando uma programação obrigatória, mas o passo a passo dos objetivos (guia) de como avaliar e programa-las (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2010).

Campos e Mendes (2013) divulgam na cartilha do autismo os direitos das pessoas que apresentam algum tipo de necessidade especial:

A Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência (NY, 2007), promulgada pelo Estado Brasileiro pelo decreto 6.949 em 25/08/09, resultou numa mudança paradigmática das condutas oferecidas às Pessoas com Deficiência, elegendo a acessibilidade como ponto central para a garantia dos direitos individuais. A Convenção, em seu artigo 1º, afirma que a pessoa com deficiência é aquela que “têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (CAMPOS, MENDES, 2013).

2.5 Educação e ludicidade

Sabe-se que crianças autistas desenvolvem brincadeiras repetitivas e estereotipadas, e que se recusam a interrupções das mesmas.

Partindo da base de ensino, o método *Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children* criado em Portugal, e seguindo orientações teóricas dos autores Coll, Marchesi e Palacios (2010), o presente trabalho apresenta propostas de atividades retiradas da Cartilha do Autismo algumas atividades lúdicas sugeridas para serem trabalhadas com tais alunos em sala de aula:

- A brincadeira funcional refere-se à manipulação de objetos/brinquedos não apenas com fins exploratórios, mas de acordo com suas funções (ex.: acionar brinquedos musicais, fazer encaixes, jogos de construção);

- Brincadeira de faz-de-conta (simbólica), atividade na qual um objeto é utilizado para representar outro (ex.: um pedaço de madeira serve como espada; um bloco de madeira pode ser usado como telefone);
- Atividade gráfica, nesse item deve ser avaliada o registro gráfico a criança. Observar se há apenas rabiscos, garatujas (desenhos sem forma definida, mas ao qual a criança atribui uma representação) ou representações definidas de pessoas (mesmo que na forma de traço, “palito”), animais, objetos.

Seguindo então os referenciais teóricos descritos no âmbito deste trabalho, visa que a principal perspectiva do mesmo é a forma de inclusão de alunos autistas em sala de aula através da ludicidade. Promovendo a socialização dos mesmos bem como explanando as dificuldades encontradas tanto por alunos quanto por professores em sala de aula na busca do que se almejam – a aprendizagem -.

Metodologia

A metodologia utilizada para a realização deste artigo foi à pesquisa bibliográfica, por meio de artigos disponíveis em sites e livros. A problemática deste trabalho tomou como eixos norteadores:

- As dificuldades de incluir alunos autistas em sala de aula;
- Quais as melhores atividades lúdicas a serem trabalhadas com estes alunos TEA, visando que os mesmo possam obter restrições para com o material?

Como os professores para trabalhar com alunos autistas em sala de aula, socializando-os e não restringindo-os devido as suas limitações?

Considerações finais

Diante deste trabalho, nos colocamos a pensar o que prevalece na relação estabelecida entre o professor e o aluno com autismo: o sujeito que deseja comunicar ou Distúrbio ao qual ele é portador? Esse questionamento é importante uma vez que se reconhece que a representação do distúrbio que circula na cultura, geralmente negativa, preconceituosa pode interferir nas primeiras interações com esses indivíduos na sala de aula.

Então, um aspecto importantíssimo a ser considerado quando o professor se interpõe entre o indivíduo com Transtorno do Espectro Autista e a cultura que media seu acesso a ela, a opção de postura que esse professor assume na relação com esse “outro”, uma

vez que o processo de interação, assim como a identidade, também é relacional, podendo facilitar ou dificultar os laços estabelecidos.

O que se pretende com essa discussão é a superação da ideia de que a pessoa com Autismo está predestinada a uma condição estática e permanente. Pelo contrário, é um fenômeno relacionado com o desenvolvimento da pessoa e as interações e apoios sociais que recebe.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, L. A. **Psicanálise, Educação e Autismo: Encontro de Três Impossíveis.** **Rev. Latinoam. Psicopat**, São Paulo, p.11-20, ago. 1997. Trimestral. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/revistas/volume03/n1/psicanalise_educacao_e_autismo_encontro_de_tres_impossiveis.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2015.

BRAGIN, B. M. J. **Práticas Pedagógicas com Alunos Autistas.** In: CONGRESSO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 8., 2010, Piracicaba. Artigo. Piracicaba: Unimep, 2010. p. 1 – 4 . Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/mostr.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

BRASIL. Alencar, S. L. M. E. Professora Titular do Instituto de Psicologia/universidade de Brasília - Unb (Ed.). **Tendências e Desafios da Educação Especial.** 1994. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

CAMPOS, F. M. Ministério da Saúde (Comp.). **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).** Brasília: Ms, 2013. 75 p. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf>. Acesso em: 19 set. 2015.

COSTA, F. I. M; MAIA, N. S. G. H. **Diagnóstico Genético e Clínico do Autismo Infantil.** Neuropsiquiatria, São Paulo, v. 56, n. 1, p.24-31, mar. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004282X1998000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 ago. 2015.

COELHO, M.; SANTO, E. A. **Autismo: Perda do Contacto com a Realidade Exterior.** 11. 33 f. Monografia (Especialização) - Curso de Formação Continuada, Centro de Formação Contínua de Professores de Ourique, Castro Verde, Aljustrel e Almodôvar, Ourique, 2006. Cap. 2006. Disponível em: <http://cenfocal.drealentejo.pt/trabalhosformandos/acao7/Trabalho_Final__Autismo_Antonia_Madalena.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2015.

COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALÁCIOS, J. (Org.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos de Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais.** 2. ed. São Paulo: Artmed, 2004. 367 p. Tradução: Fátima Murad.

DORIA, M. D. G. N.; MARINHO, S. T.; FILHO, P. S. U. **O Autismo no Enfoque Psicanalítico.** O Portal dos Psicólogos, Porto - Pt, v. 1, n. 1, p.1-12, 10 out. 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0311.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

FIAES, S. C.; BICHARA, D. I. **Brincadeiras de Faz-de-Conta em Crianças Autistas: Limites e Possibilidades Numa Perspectiva Evolucionista.** Estudos de Psicologia, Natal, v. 14, n. 3, p.231-238, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2009000300007>. Acesso em: 14 ago. 2015.

GÓMEZ, S. M. A.; TERÁN, E. N. **TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM E AUTISMO.** São Paulo: Cultural, S.A., 2014. 574 p. Tradução de Adriana de Almeida Navarro.

MEDEIROS, S. M. K. **Autismo: Serviço de Atendimento Pedagógico às Necessidades Educacionais Especiais.** 201-. Disponível em: <http://diversa.org.br/uploads/gestao_publica/apresentacao_autismo.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2015.

ORRÚ, E. S. **A Formação de Professores e a Educação de Autistas.** 2003. Disponível em: <<http://www.rioei.org/deloslectores/391Orru.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

SANTO, O. E. **Análise Das Mediações Ocorridas A Partir Da Aplicação De Um Programa De Atividades Psicomotoras De Caráter Lúdico,Recreativo Em Crianças Autistas.** In: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 25. 2012,

Presidente Prudente. **Artigo.** Presidente Prudente: Colloquium Humanarum, 2012. v. 9, p. 641 - 651. Disponível em: <<http://www.unoeste.br/site/enepe/2012/suplementos/area/Humanarum/Ciências Humanas/Educação/ANÁLISE DAS ATIVIDADES PSICOMOTORAS DE CARÁTER LÚDICO-RECREATIVAS APLICADAS EM CRIANÇAS COM AUTISMO.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2015.